

SILVEIRA SANTOS ESCREVE

A CRÔNICA DA CIDADE

Levantou bem cedo.

Tomou o cafèzinho matinal como sempre às pressas e se dirigiu até o seu quarto.

Tôdas as manhãs êle repetia aquela mesma ~~sikna~~ cena e ~~ê~~ já mais mudaria certamente aquele seu hábito costumeiro...

Sim, pois tôda manhã era sempre o mesmo problema...

Procurava, revirava seus papéis, a escrivadinha em seu quarto, e nunca achava exatamente o documento que êle procurava...

E por uma ironia que êle não conseguira jamais compreender, ~~ê~~ geralmente no dia seguinte acabava encontrando os papéis que procurara na véspera...

E com isso, todos os dias êle se enervava e fazia um juramento solene consigo próprio:

- De amanhã em diante, eu vou dar uma arrumação nesses papéis e nunca mais terei problema em encontrar coisa alguma...

Mas, o dia passava sempre e êle nunca se recordava da promessa e do juramento que fizera...

E no dia seguinte, era a repetição do mesmo problema: a mesma busca, a mesma raiva e o mesmo juramento...

Mas, naquela manhã, êle já estava começando a ficar apreensivo, pois, os papéis que êle buscava eram de bastante importância e sem êles iria passar alguma dificuldade durante o dia.

Chamou pela mãe.

E a mãe veio em seu socorro, ajudando-o na busca, certa porém que ali não estava coisa alguma, ou, se estivesse, deveria ser junto com tôda aquela outra papelama danada...

Por fim, quando êle já, cansado e suando por todos os póros, se dispunha a abandonar a procura, colocou as mãos no bolso e deu um sobressalto...

Sim, os papéis que êle tanto buscava estavam ali mesmo, nos bolsos de seu paletó...

Deu um suspiro de alívio, despediu-se da mãe, não sem antes pegar as chaves...

Sim, as chaves de sua lambreta...

Correu até a garagem, abriu uma porta apenas, e viu lá dentro a lambreta reluzente...

As cores eram as suas preferidas...

E êle não pôde deixar de emitir um pequeno sorriso de satisfação e contentamento ao ver aquele seu objeto de estimação...

E, a vizinhança, que àquela hora ainda dormia, deve, como em tôdas as outras manhãs, <sup>deve ter</sup> ~~ter~~ despertado com um bocado de rai-va pelo bárulho da lambreta...

Sim, pois embora lambreta seja normalmente silenciosa, a dele não ~~é~~ <sup>o</sup> é, pois está, há já muitos dias, com o escapamento fu-rado...

E o ruído... Bem, o ruído vocês devem saber bem como é...

E com isso, todos os dias ele se sentia e fazia um julgamento

coluna corrigida

de manhã em diante, em vez das primeiras palavras e

nenhum mais seria problema em encontrar coisas algumas...

mas, o dia passava sempre e ele nunca se recordava da promessa e

do momento de êxito...

E no dia seguinte, era a repetição do mesmo problema: a mesma

branca, e sempre raiava e o mesmo julgamento...

Mas, naquela manhã, ele já estava começando a ficar agitado,

pois, ao vê-la que ele ouvira antes de bastante tempo atrás e

com êle não passava alguns minutos durante o dia.

Chamou pela mãe...

E ao ver a mãe com o olhar, atirando-se na direção certa porém

ela não estava com a mesma expressão, deveria ser tanto

com toda aquela outra expressão estranha...

Por fim, quando ele já, cansado e agitado por todas as coisas,

algumas e abandonar e procurar, é colocado na mão no chão, deu

um suspiro...

Ele, ao perceber que ele tanto trabalhava estava ali, não deixou

de sorrir...